



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16265 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT12 - Currículo

TRADUÇÃO E LÓGICA FANTASMÁTICA NAS DISCUSSÕES CURRICULARES

Karla Wanessa Henrique Silva - UFPE/CAMPUS AGRESTE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Agência e/ou Instituição Financiadora: FACEPE

INTRODUÇÃO

Esse trabalho consiste em um recorte da pesquisa de tese em andamento no Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco que intersecciona a política do currículo da Educação Infantil de Pernambuco e as práticas curriculares.

Em forma de análise crítica nos posicionamos em decorrência da problemática: Quais contribuições teóricas e empíricas as lógicas sociais, políticas e fantasmáticas podem oferecer a compreensão da tradução derridiana? Objetivamos pontuar implicações dessa relação, principalmente quando às estruturas interpelativas que atravessam os sujeitos e escoam sentidos intentados pelos discursos curriculares. O interessante aqui, consiste em as palavras/significantes/nomes, compreendidas como lógicas enunciativas, tomarem corpo de redução e restauração de sentido para habitar a si próprio tornando-se aquilo que o difere.

O potencial estratégico nesta pesquisa “orientada ao problema” (Glynos; Howarth, 2007) reside na mobilização realizada dos indecíveis e categorias pós-estruturalistas, que permitem ampliações das discussões já postas por Derrida sobre a tradução, corroborando com novos caminhos explicativos referentes à complexidade da realidade social e política da Educação Infantil.

Desse modo, procuramos tecer fios comunicacionais entre o indecível, tradução, sobrecompossibilidade, espectro e fantasma de Jacques Derrida (2002; 2014) junto a percepção de fantasia que circula na Abordagem das Lógicas de Glynos e Howarth (2007, 2018). Procuramos envolver as contribuições desenvolvidas por Lopes e Macedo (2011) sobre as políticas e o currículo.

FIOS ENTRE TRADUÇÃO E LÓGICA FANTASMÁTICA: as políticas curriculares e o currículo na Educação Infantil

Operamos compreendendo que na linguagem o significante resiste à significação. Assim, o sentido, é sempre posterior a fala e depende da relação estabelecida, pois desliza e opera na relação entre conceitos, sendo suplementados por representações na linguagem. Consideramos ainda que envolve poder de controle da enunciação e uma gama de estratégias de ação e gestualidades que integram as formações discursivas, como lugares de construção hegemônica, abertas sempre a contestações (Laclau e Mouffe, 2015); (Laclau, 2011), (Derrida, 2002; 2014).

Fixação e excesso de sentidos são tomados para pensar a provisoriedade da significação nos jogos de linguagens, remetendo ao contexto e à contingência, como construção parcial. Esse potencial modificador/subjetivo da produção discursiva atua sobre as operações simbólicas, visto que o processo de articulação, pode ser subvertido pela multiplicidade de significados (Burity, 2010).

Estamos imersos em uma rede infinita de discursos na tentativa de conter a significação estruturando lógicas que tendem a orientar a construção de sentidos. No emaranhado discursivo, de sobrecompossibilidade, significações se empurram e mutuamente se detêm, além de atrair-se e provocar-se, imprevisivelmente, concedendo a tradução o poder de criar e assombrar.

A tradução concerne em construção de sentidos (performativos) os incalculáveis fios tônicos de diversos elementos contextuais- políticos, sociais e ancestrais. Derrida (2001) nos sugere compreendê-la como ligada à transformação, disseminação de sentido pela identidade e diferença. Uma fantasmática relação entre sujeito e a linguagem. Derrida, chama de espectro e fantasma esses movimentos.

O espectro alude a um retorno, um nome/sentido que pode ser requerido mesmo em sua ausência, já o fantasma personifica a aparição em um nome. Ambos assombram e desestabilizam ordens estabelecidas (Derrida, 1194). A tradução, reporta ao emaranhado de discursos e encontros pelo qual o sujeito foi e é permanentemente atravessado. É da ordem do cruzamento, impossibilidade de um sentido pleno, lugar da proliferação de sentidos, o lugar da *différance*.

O deslocamento e rearticulação são operativas da tradução no emaranhado discursivo. O deslocamento (força movimentar que desestabiliza e cria, por isso pode ser definido como possibilidade de uma relação não relacional). Implica num processo de associações e de novas articulações, produzindo novas cadeias de sentidos, num complexo de laços simbólicos, nos quais também operam elementos visuais, acústicos, táteis e sinestésicos, junto à construção de um discurso do sujeito.

Esta área de indecibilidade do deslocamento constitui e habita uma rearticulação, que opera reformulações de sentidos e lógicas discursivas radicalmente diferentes. A rearticulação registra na tradução aquilo que se grava ou se perde dos sentidos dos discursos, as lógicas, das fantasias que atravessam os sujeitos. A primeira se mostra através de seus efeitos/ atos na produção/distorção da significação. Ligando-se ao corpo que o fantasma encarna (cristalização síntese de conteúdo) pela estrutura messiânica da promessa/fantasia mítica de completude, atuando na descentralização dos sentidos pré-estabelecidos. Enquanto, a segunda, diz dos direcionamentos vinculativos, vetoriza redes de significação, num sistema de cruzamento de sentidos, quando estas se comunicam na amarração do Real.

Desse modo, a tradução aciona estratégias retóricas-metafóricas, metonímicas que nos ajudam a perceber rastros e spectralidade - elemento de força que desloca o tempo na troca entre o novo e o "de novo", o "novamente" da repetição” (Derrida, 2002, p.49), pelas dimensões do social, da política e do afeto. Isso nos leva a perspectiva de pensar a subjetividade como constituída como efeito de uma articulação, efeito de uma ação política.

Para entender a dimensão da subjetividade nessa construção, devemos considerar que o sujeito é constituído pelas discursividades, um sujeito descentrado, cindindo e da falta, que recusa identidades fixas, mas acolhe a posição do Eu/Outro nos processos de subjetivação (marcados relacional e contingencialmente). O processo de ser interpelado pelo discurso constrói os indivíduos como sujeitos, interseccionando investimentos afetivos. Glynos; Howarth (2007) utilizam-se de lógica fantasmática para aprofundar como a força que mobiliza e torna as operações de significação relacionam-se com a dimensão do afeto (nas práticas de identificação).

Buscam assim, entender como e por que as formações discursivas hegemônicas-narrativas logram identificação, ou seja, "agarram" ou "prendem" e estruturam subjetividades mesmo que precariamente (ligam-se a ideologia), bem como, o que lhes confere estabilidade na manutenção de crenças particulares (Glynos; Howarth, 2007); Glynos *et al*, 2021). As lógicas fantasmáticas assumem dimensões beatíficas e terríficas envolvidas nos afetos. A dimensão beatífica guarda a promessa de “plenitude-por-vir”, a dimensão terrífica do desastre apresenta-se como insuperável. Ambas fornecem os meios para entender as aderências, dito de outro modo, como normativas são sedimentadas, contestadas ou transformadas (Glynos; Oliveira; Burity, 2019).

Diante do exposto, os vínculos comunicacionais encontrados entre tradução e lógicas fantasmáticas nos permitiram construir a argumentação da tese em andamento, a saber, a operação espectropoética da tradução por deslocamentos de sentidos de fantasmáticas, ou seja, das redes de sentidos que se relacionam em sobrecompossibilidade. De forma sucinta, a espectropoética vem designar o movimento entre o passado e as promessas nunca cumpridas (preenchimento da falta) que continuam a assombrar, influenciando e moldando o presente. Encaramos a tradução como acontecimento que desloca e recompõem sentidos das discursividades que coengendram-se, afetando-se mutuamente e produzem na dimensão

performática da ação/ato, o que denominamos de estéticapraxiológica.

Essa construção foi possível devido as relações estabelecidas atuarem em zonas de investimentos e em distintas formações discursivas. No caso em tela, no jogo do fazer docente e pedagógico. Nesse interior, a tradução apresenta-se como espaço de produção de sentidos para o currículo, manifestos nos posicionamentos político-pedagógicos: a organização da ação docente, as relações entre adultos e crianças e seus pares, bem como a organização do espaço, tempo e materiais, que enfatiza os professores como autores que pensam, repensam e reorientam suas ações na atuação de sua docência, ou seja, coprodutores das políticas curriculares.

Nesse sentido, a política curricular, o currículo e a tradução são pensados como produto configurado em práticas de articulações precárias e contingentes, resultado de lutas hegemônicas, visto que a todo momento estão em deslocamentos devido as exclusões e sentidos concorrentes. No entanto, ambos moldam e influenciam as pessoas de maneiras profundas e desconhecidas. Reconhecemos, portanto, que a subjetividade construída dentro da estrutura discursiva contextual desloca essa interpelação para como constroem-se significam/sentidos por questionamentos dos próprios sentidos em circulação no social.

Desse modo, foi possível articular um modelo de explicação reconhecendo o “caráter precário, contingente e intrinsecamente comprometido do próprio discurso científico” (Oliveira, Oliveira e Mesquita, 2013, p. 1.337), como mostrada na figura a seguir.

Figura 1- Espectropoética da tradução



Fonte: Autoras, 2024.

Como a tradução está no campo da *différance* (indecidível e imponderável) a dinâmica analítica que toma fenômenos sociais (políticas curriculares e currículo) nos permitem explorar como diretrizes normativas interpelam os processos de tradução curricular realizados pelos professores, ou seja, modulam posturas e atitudes político-pedagógicas, por investimentos fantasmáticos na sedimentação/naturalização de formas e conteúdos pedagógicos.

Em nossas análises de textos e políticas curriculares encontramos um entrelaçamento de condicionantes sociais, políticos, econômicos com os aspectos pedagógicos (currículos e práticas pedagógicas) que age como modulador de práticas sociais e subjetividades. E, que passam a criar fantasias de qualidade, produtividade guiadas por lógicas sociais e políticas de mercado que tem a educação como negócio.

Essas lógicas margeiam a construção fantasmática de controle-normatividade curricular, em caráter prescritivo, que busca uma mudança de realidade por regras de simbolização. Essa construção é possível como promessa de preenchimento, à falta de qualidade educacional brasileira. Construções discursivas revestidas de engajamentos afetivos, imbricadas nos sentidos de resultados, o que vem evidenciar os lados: beatífico da fantasia “o bom professor” e horripilante “mau professor”.

Tanto na BNCC quanto em documentos curriculares esse bom professor exerce sua autonomia num leque de decisões gerenciais, estruturado pelas lógicas de eficiência e eficácia. Essa fantasia ainda recorre à lógica de comparação profissional para tensionar a excelência do “ensino-aprendizagem”. Então, se o professor seguir a BNCC/Currículo alcançará a excelência em sua docência, no entanto, se ele não os observar, vincula sua imagem à irresponsabilidade ou a um trabalho pedagógico obsoleto.

Os apelos margeados pelas dimensões racional e afetiva de “investimentos financeiros, técnicos e pedagógicos” sobre a primeira infância nos sinalizam que esses mecanismos operam sobre os conteúdos que vendem a fantasia de melhorias educacionais, a partir de uma ideia de investimento e lucro. Nesse contexto, é interessante a comercialização de materiais didático-pedagógicos. O poder afetivo construído pela fantasmática de fundações privadas que se empenham nesse segmento comercial é impressionante. A capilaridade apresentada vai de reportagens, passando pelos planos de aula e livros didáticos, até cursos e formações (individual) e para redes de ensino, visando atender professores e gestores educacionais, apontando para uma lógica fantasmática de gestão pedagógica para excelência.

Esses elementos revelam o poder interpelativo, normativo e estruturante de uma certa docência e de um determinado currículo que operam dando sentidos às abstrações, fazendo-as ser reais, revelando os investimentos afetivos numa cultura de sucesso (Clarke, 2012) que levam as produções psíquicas afetivas se apresentam enquanto multiplicidade e diferença, um “nós” muito específico (intersubjetivo) e “um certo ‘nós’ (profissionalidade coletiva).

CONCLUSÃO

Nosso interesse se volta à relação entre os significantes/lógicas na produção de sentidos na tradução, ou seja, como uma particularidade, uma fantasia, uma interpelação - as metáforas, compartilham a significação na tradução. Pois como Lopes (2018), já nos indicou as políticas são investidas de tentativas de controle da tradução e da leitura dos documentos curriculares. Dados em um movimento global, as políticas curriculares caracterizam-se na contemporaneidade regido por uma lógica mercadológica, com modelos de padronização por competências/habilidades (Lopes; Borges, 2015).

No Brasil, esse acontecimento empreende-se na BNCC e nos Currículos Estaduais de Educação Infantil, que segue não somente tratando os objetos educativos como os constituindo, incluindo o professor e a criança. No entanto, essa ação é sempre uma ação que não se completa, pois, o processo é eivado de ações, das práticas, das experiências, que buscam subverter as políticas.

Buscamos tensionar esse movimento através do que nomeamos espectropoética da tradução, pois voltamos nosso olhar para o que está sendo colocado em jogo nas construções fantasmáticas que vinculam normatividade e afeto. Nesse recorte, vimos como essas construções acontecem por um investimento na educação como direito, mas assombrada pela espectralidade de uma educação como serviço.

REFERÊNCIAS

- BORGES, V. **Espectros da profissionalização docente nas políticas curriculares para formação de professores: um self para o futuro professor**. 2015, 169f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.btd.uerj.br:8443/bitstream/1/10386/1/Tese_Veronica%20Borges%20de%20Olivei Acesso em 18.abr.2023.
- BURITY, J. Teoria do discurso e educação: reconstruindo o vínculo entre cultura e política. **Revista Teias**, Rio de Janeiro: UERJ, v. 11, n. 22, p. 7-29, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24113/17091>
- CLARKE, M. Falando sobre uma revolução: as lógicas sociais, políticas e fantasmáticas da política educacional, **Journal of Education Policy**, n.2, v. 27, p.173-191, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232843597_Talkin'_bout_a_revolution_The_social_p Acesso em 11.mai.2024.
- DERRIDA, J. **Espectros de Max**: o estado de dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional/ Jaques Derrida. Trad. Anamaria Skinner. - Rio de Janeiro: Relume-Demará, 1994.
- DERRIDA, J. “Che cos’è la poesia?”. Trad. de Tatiana Rios e Marcos Siscar. **Inimigo Rumor**, n. 10, p. 113-116, maio, 2001a. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2374327>. Acesso em 14 de setembro de

2023.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. (1987-1998). Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte. Editora da UFMG, 2002.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2014.

GLYNOS, J.; HOWARTH, D. Logics of critical explanation in social and political theory. London: Routledge, 2007.

GLYNOS, J.; HOWARTH, D. Explicação crítica em Ciências Sociais: a abordagem das lógicas. In: LOPES, A.; OLIVEIRA, A.; OLIVEIRA, G. **A Teoria do Discurso na pesquisa em educação**. Recife: Editora UFPE, 2018.

GLYNOS, J.; HOWARTH, D., R.; FLITCROFT, R.; LOVE, C.; ROUSSO, K.; VAZQUEZ, J. Lógicas, Teoria do Discurso e Métodos: Avanços, Desafios e Caminhos a Seguir, **Journal of Language and Politics**. 2021. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/jlp.20048.gly> Acesso em 03. mai. 2024.

GLYNOS, J.; OLIVEIRA, G.; BURITY, J. Estudos críticos da fantasia: neoliberalismo, educação e identificação. Uma entrevista com Jason Glynos. **Série – Estudos**, Campo Grande, MS, v. 24, n. 52, p. 145 – 170, set./ dez. 2019. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/sest/v24n52/1414-5138-sest-24-52-0145.pdf> Acesso em 21. jan.2024.

LACLAU, E. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemonia e estratégia socialista**. São Paulo: Intermeios, 2015.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES, A. C. Sobre a decisão política em terreno indecidível. In: LOPES, A.; SISCAR, M. **Pensando a Política com Derrida: responsabilidade, tradução, porvir**. São Paulo: Cortez, 2018.

OLIVEIRA, G. G.; OLIVEIRA, A. L.; MESQUITA, R. G. A teoria do discurso de Laclau e Mouffe e a pesquisa em educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1327-1349, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/tt3RpF8zjvRZDNwtcQS4Snk/?lang=pt#> Acesso em 24.jul.2021.

OLIVEIRA, Gustavo. Provocações para aguçar a imaginação/invenção analítica: aproximações entre a Teoria Política do Discurso e Análise do Discurso em Educação. In: LOPES, A.; OLIVEIRA, A.; OLIVEIRA, G. **A Teoria do Discurso na pesquisa em educação**. Recife: Editora UFPE, 2018.

Palavras-chave: Currículo, Educação Infantil, Tradução, Lógicas, Espectropoética.